

VAARWEL NEDERLAND¹? UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM, MEMÓRIA E TURISMO DO PARQUE HISTÓRICO DE CARAMBEÍ, PARANÁ

VAARWEL NEDERLAND? AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN LANDSCAPE, MEMORY AND TOURISM IN THE PARQUE HISTÓRICO DE CARAMBEÍ, PARANÁ

Revisado por pares

Submetido em: 27/10/2020

Aprovado em: 02/10/2020

Ana Cristina Costa Siqueiraⁱ

Bruna Iara Lorian Chagasⁱⁱ

Almir Naboznyⁱⁱⁱ

Palavras-chave

Paisagem.
Museu.
Turismo.
Parque Histórico de
Carambeí.
Imigração
Holandesa.

Resumo

O Parque Histórico de Carambeí, PR é um museu a céu aberto no qual a memória dos imigrantes holandeses no Brasil é comunicada por meio da retórica da paisagem. O objetivo desse estudo é propedêutico pois, visa relacionar a concepção geográfica da paisagem na leitura da constituição do Parque Histórico de Carambeí e sua inter-relação com fenômeno do turismo cultural. A metodologia empregada é de natureza teórica e referenciada em textos de autores vinculados a “Nova Geografia Cultural”, como fontes de pesquisa utilizou-se de documentos elaborados pela instituição museológica, contempla o trabalho a experiência de imersão de uma das autoras no período de um ano (2015) no ambiente museal. Como resultados principais, pode-se apontar que a paisagem do museu é a exaltação da cultura do imigrante holandês e reflete as memórias do processo de formação da colônia em Carambeí e através da paisagem fabricada com intuito turístico, também é possível compreender significados sociais da “cultura holandesa” forjados em um espaço diaspórico.

¹ “Adeus Holanda?”, em alusão ao título da série de televisão (Canal Max Vandaag) cujo tema central é a diáspora holandesa no mundo, a qual teve um episódio gravado nos Campos Gerais do Paraná (PORTAL A REDE, 2020).



Keywords

Landscape.
Museum.
Tourism.
Carambeí
Historical Park.
Dutch Immigration.

Abstract

The Carambeí Historical Park, PR is an open-air museum in which the memory of Dutch immigrants in Brazil is communicated through the rhetoric of the landscape. The objective of this study is propaedeutic because it aims to relate the geographical conception of the landscape in the reading of the constitution of the Historical Park of Carambeí and its interrelation with the phenomenon of cultural tourism. The methodology used is of a theoretical nature and referenced in texts by authors linked to "New Cultural Geography", as sources of research used documents prepared by the museological institution, the work contemplates the immersion experience of one of the authors in the period of one year (2015) in the museum environment. As main results, it can be pointed out that the museum landscape is the exaltation of the culture of the Dutch immigrant and reflects the memories of the colony formation process in Carambeí and through the landscape manufactured for tourism purposes, it is also possible to understand the social meanings of "Dutch culture" forged in a diasporic space.

INTRODUÇÃO

Os museus são instituições que se caracterizam como espaços de memória, pois segundo Souza (2016) estão relacionados a presença do seu acervo que pode ser encontrado em forma de objetos, utensílios domésticos, móveis e demais componentes materiais importantes para disseminação de ideias e cultura de um determinado povo ou grupo.

Esta reflexão articulou a perspectiva das paisagens construídas à concepção de museus, relacionando o fenômeno turístico como viabilizador da disseminação da cultura, a partir da compreensão dos significados sociais e culturais de lugares fabricados. Posto isto, este trabalho foi realizado para indicar uma análise a respeito da paisagem turística do Parque Histórico de Carambeí.

Assim, o objetivo visa relacionar a concepção geográfica da paisagem na leitura da constituição do Parque Histórico de Carambeí e sua inter-relação com fenômeno do turismo cultural. Uma vez que é repleta de componentes, como infraestrutura construída para atender a demanda, e por conter monumentos, signos e significados, que atrelados ao estudo geográfico, fornecem informações e nos auxiliam para compreender o intuito de sua construção.

Com isso se destaca a abordagem geográfica proposta nesta reflexão para compreensão das paisagens construídas com intuito turístico, uma vez que viabiliza a compreensão da constituição destes locais



enquanto paisagens turístico-culturais repletas de signos e significados que constituem a elaboração da cultura do imigrante holandês observada no Parque Histórico de Carambeí.

RELAÇÃO ENTRE MUSEUS E MEMÓRIA

Os museus podem ser compreendidos enquanto instituições que tem como objetivo principal a preservação do patrimônio cultural representando identidades coletivas ou individuais (Souza, 2016). Para Geertz (2008), seu acervo constituído muitas vezes por utensílios domésticos, objetos, móveis, ferramentas e demais componentes materiais, possibilitam que o sujeito que os contempla compreenda o contexto geográfico e a história em que aquela cultura é inscrita.

Compreende-se a cultura nesta reflexão como teias de relações que dão sentido à vida social mediante a representação para a interpretação da vida comunitária (Geertz, 2008). Essa noção de cultura se relaciona aos museus, pois conforme Souza (2016, p.152), os espaços museais integram e “são fruto do constructo social portanto, demarcações humanas de interesses particulares ou coletivos”. Nesta perspectiva, a formação do museu é composta a partir de seu acervo, com base em ideias e interpretações (Souza, 2016). Para Souza (2016), a escolha e classificação do que deve ser comunicado nos espaços museais assume posicionamentos em processos de *patrimonialização*. Ainda em Souza (2016), se indica que a patrimonialização ocorre por meio da representatividade selecionada da história e dos valores que uma determinada comunidade busca ‘eternizar’, então os museus podem ser considerados patrimônios pela existência de seu acervo e pela busca de comunicar valores.

Uma vez que os museus são compostos por representações e memórias, o acesso a esses espaços viabiliza comunicações de representações e memórias a um vasto público, uma vez que os museus não possuem somente a finalidade de preservar objetos antigos, mas o intuito de disseminar valores e memórias promovidos em seu espaço interior.

Considera-se a partir de Souza (2016) que os museus também podem ser compreendidos como *espaços de memória*, que através de seus objetos são materializados conforme a construção de sentidos o qual ele compõe mediante a experiência dos sujeitos.

Também se compreende a partir Carvalho (2010) que estes espaços de memória viabilizam experiências turísticas por possibilitar o acesso a memórias de diferentes grupos, permitindo a troca de informações,



experiências e ideias, devido o contato de turistas com a cultura representada. Carvalho (2010) indica que estas experiências além de reforçar o sentimento de pertencimento da comunidade com a cultura apresentada, extrapola o espaço museal podendo sensibilizar para a preservação do ambiente e para o desenvolvimento de formas sustentáveis da atividade turística.

A importância da turistificação de espaços de memória como as instituições museais, consiste na propagação de maneira rápida, porém consciente de que a memória promovida por esses acervos deve ser transmitida e contemplada de diversas formas (Oliveira, 2018), uma vez que o museu tende a transformar-se conforme as mudanças sociais ocorrem, e também por de diferentes formas de consumo, como virtual, por exemplo.

Conforme Oliveira (2018), as memórias individuais são constituídas a partir do processo relacional, em interações com diversos indivíduos. Com isso Oliveira (2018) dialoga que a memória seria a renovação do passado com auxílio de informações do presente, em um processo obtido através da escolha de determinados elementos, pois não haveria a possibilidade de apreensão e registro de tudo que ocorreu no passado em um dado momento, tanto no aspecto individual quanto coletivo, subjetivo e objetivo, portanto, a memória configura um construto social de lembranças e esquecimentos, o que implica em relações de poder na sua produção social.

Os museus enquanto espaços de memória e propagação cultural são constituídos de elementos conscientemente dispostos para a transmissão e a contemplação de símbolos culturais que podem estar refletidos em suas paisagens. Essas paisagens que os formam são constituídas pela materialização dessa memória que é presente no imaginário dos sujeitos produtores dessa espacialidade humana. Portanto, as paisagens resultantes da materialização da memória e que podem ser construídas, possuem uma simbologia, uma vez que são repletas de signos e significados.

O TURISMO E A PAISAGEM CULTURAL

A paisagem discutida neste texto se refere a abordagem da Nova Geografia Cultural. Com isso a paisagem pode ser compreendida, de acordo com McDowell (1996), como um texto, que permite ser decifrado e posteriormente lido. Ao contrário de geógrafos materialistas culturais, os geógrafos da Nova Geografia



Cultural visualizam a representação da paisagem como possibilidade para compreender textos escritos, artes e mapas.

Segundo Mitchell (2000), a paisagem pode ser considerada como um acervo de significados gerados com o passar do tempo e que retratam o modo como as pessoas pensam a respeito de um lugar, tal qual como pensam e comportam-se sobre o seu espaço de vida estando em outros locais. Com isso a paisagem pode ser lida por aqueles que habitam tal lugar, também por visitantes que decifram os códigos presentes em seus sinais.

Este processo também ocorre com as paisagens dos museus, pois estes possuem formas materiais que são contempladas pelos sujeitos visitantes, aguçando e despertando os sentidos ao passo que entram em contato com os valores culturais selecionados à comunicação e decifrados por meio daqueles cenários passíveis de serem pensados como paisagens, uma vez que esses cenários não são restritos ao simples arranjo de objetos.

Segundo Duncan (2004), a cultura é disseminada por um sistema de criação de signos que através de diversos meios transmite uma ordem social que é reproduzida, explorada e experienciada pelos sujeitos. Para Duncan (2004) a paisagem está relacionada ao modo de agir, pensar e sentir de um indivíduo, constituindo características que interferem nas suas relações sociais com o outro.

Dessa, maneira podemos nos apoiar na compreensão de Geertz (2008), que entende a cultura como um sentido antropológico forte, não se tratando como ‘meramente simbólico’ assemelhando-se a um adorno final, ou requintada capa de seres constituídos e consolidados, mas pela busca, “pelo essencialmente simbólico, aquela teia de significações que abarca linguagem, pensamento e mundo, sujeito e objeto, num lance único, sempre refeito, arriscado e incompleto” (Geertz, 2008, p.04).

Para Cosgrove (1998), a paisagem e a cultura estão diretamente relacionadas à Geografia Humana, sendo que a paisagem é descrita por Cosgrove (1998) como uma maneira de ver, de compor, e harmonizar o mundo em uma cena, pela manifestação e composição de formas visíveis sobre a superfície da Terra. Nesse ínterim, que se constituiu o argumento geográfico para se pensar no espaço museológico enquanto paisagem, isto é, um horizonte através do qual se pode interpretar as memórias da “cultura holandesa” forjados em um espaço diaspórico, ou seja, um espaço de intersecção entre a imigração, os deslocamentos e o novo assentamento humano constituído na colônia.



Sarmiento (2004) explica que o discurso da paisagem como uma forma de ver, é uma maneira de legitimar e de demonstrar como as paisagens são a representatividade do mundo e que essas representações possuem efeitos reais e significativos. Sarmiento (2004) ainda alerta que nessa discussão deve haver uma separação entre observador e o observado, na medida em que o espectador possui o domínio e o poder de modelar a representação do mundo.

Nas reflexões de Corrêa (2011), a paisagem é considerada como um produto cultural, repleta de significados e inserida nas relações entre a sociedade e a natureza, resultante de uma expressão fenomênica, de forma particular com uma determinada sociedade que se organiza em um determinado tempo e espaço, por motivo econômico e/ou social (Corrêa, 2011).

As reflexões destes autores podem ser relacionadas aos espaços museais, e no caso desta reflexão, ao Museu a céu aberto do Parque Histórico de Carambeí, que através de suas paisagens reflete uma ordem social, constituindo um produto cultural que transmite por meio do seu acervo a cultura de uma comunidade que se organizou socialmente em um determinado tempo e espaço, e que passa a ser contemplada pelos indivíduos que visitam o museu.

Para além da relação entre paisagem e cultura, esta reflexão também busca atrelar a cultura ao turismo, pela perspectiva de que a cultura – ou a busca dela – promove a visitação a atrativos culturais. Para Sarmiento (2004), o estudo geográfico do turismo contribui para as discussões inerentes a Geografia Cultural, pois, pode ajudar na compreensão das formas, bem como os significados sociais e culturais de espaços fabricados, e como as representações das paisagens construídas pela indústria do turismo, favorecem a formação da imaginação geográfica das pessoas, uma vez que a indústria turística apodera-se e vende espaços, mediante o aumento e transformação de alguns componentes da paisagem que tornam-se consumíveis.

O turismo também envolve padrões culturais e sociais de comunicação proporcionados por significados que são gerados por diferentes grupos de pessoas e por materiais ao longo do tempo. Então considera-se o turismo enquanto importante atividade que permite que pessoas possam perceber o mundo e consigam definir o seu senso de identidade (Sarmiento, 2004).

Nessa perspectiva o turismo pode ser relacionado enquanto integrante das indústrias culturais, já que tem por finalidade a difusão da cultura com finalidade capitalista (mundialização da cultura). As indústrias culturais são compreendidas, pela concepção de Warnier (2000), como atividades provenientes da

indústria que comercializam e produzem discursos, como imagens, sons, artes, habilidades ou costumes que como debate Warnier (2000) são interiorizados pelas pessoas enquanto pertencentes a uma “sociedade global” e que possuem graus diversos, bem como características e significados partilhados em suas teias de relações espaciais cotidianas.

METODOLOGIA

O presente trabalho é de caráter bibliográfico, por meio do diálogo teórico com diversos autores (textos) busca-se a produção de inteligibilidade da inter-relação proposta entre museus, memória e paisagem cultural e fenômeno do turismo. .

Para realização da análise geográfica da paisagem do Parque Histórico de Carambeí, contamos como fonte de pesquisa arquivos, como o Catálogo de autoria do Núcleo de Mídia e Conhecimento do Parque, o manual de monitoria elaborado pela Associação Parque Histórico de Carambeí e o site da instituição museológica. Também foi problematizado a experiência de imersão de uma das autoras do texto, enquanto estagiária e componente da equipe de monitoria e visitação no museu, durante o período de um ano (2015). Reitera-se que este Parque é instituição museal, repleto de signos e significados que trazem em seu bojo a formação da cultura do imigrante holandês, gerado pelo processo de transição do país de origem no caso, da Holanda para o Brasil (espaço diaspórico).

Para a realização da análise foram utilizados autores da Geografia Cultural, como Duncan (2004) e Cosgrove (1998) que viabilizaram uma interpretação a partir da retórica da paisagem para compreensão da formação de uma paisagem cultural enquanto um sistema de criação de signos, com a finalidade de interpretação dessas informações a respeito da formação da paisagem do museu.

Área de estudo: Parque Histórico de Carambeí

O Parque Histórico de Carambeí está localizado no município de Carambeí, na região dos Campos Gerais no Estado do Paraná - Brasil. É composto por três alas museais. A primeira ala, denominada ‘Casa da Memória’ foi inaugurada em 2001. O espaço faz divisão com a Loja de *Souvenirs* e com o Restaurante e Confeitaria *Koffiehuis*. O ambiente museal citado é a primeira ala de visitação, localizada na parte inferior

do prédio. Em seu interior possui uma maquete que representa a vila fundada pelos imigrantes holandeses e que mais tarde se desenvolveu e originou a cidade de Carambeí. Esta maquete também serviu de base para a construção da segunda ala do museu, a Vila Histórica em 2015.

A parte superior da Casa da Memória conta com algumas exposições de fotografias, quadros e objetos e também há edificações que formam a vila, tais como a Escola, a Venda, a Casa dos Imigrantes e a Casa Portuguesa. Conforme o Núcleo de Mídia e Conhecimento (2016), o prédio é de 1946 e pertencia a família de Geus que utilizava parte inferior como estábulo e o piso superior para reuniões e festas. Neste aspecto, o local possui representatividade na cultura local, devido ser um prédio que se configura como uma teia de significados materializados em formas/objetos.

A Vila Histórica (Figura 1) teve sua inauguração em 2011 em comemoração ao Centenário da Imigração Holandesa nos Campos Gerais e do Ano da Holanda no Brasil. Procura retratar a primeira vila da cidade de Carambeí por intermédio da construção das casas. Também possibilita que os visitantes vivenciem os processos agroindustriais, como a mostra a produção de alimentos lácteos e a utilização de máquinas agrícolas, além de simbolizar o cotidiano do imigrante holandês contido nas casas de família, escola, fábrica de laticínios, Igreja, a chácara holandesa, a ferraria e a marcenaria e o matadouro (Associação Parque Histórico de Carambeí, 2015).



Figura 1 - Vila Histórica. Autor: Parque Histórico de Carambeí; Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bhy8GtLHxpq/>

Por fim, a última ala museal de visitação é o Parque das Águas (Figura 2), planejado pelo arquiteto Johaness Jacobus Guiliseen que se baseou no parque ambiental holandês *Zaanse Schans*. A ala retrata através dos canais, pontes e espelhos d'água, as tecnologias, bem como a gestão e o controle dos fluxos das águas (Núcleo de Mídia e Conhecimento, 2016).



Figura 2 - Parque das Águas. Autor: Parque Histórico de Carambeí; Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bvm3WBhBoh9/>

O museu também oferta diversas experiências que vão desde a culinária típica holandesa e indonésia, festividades anuais como o Natal no Parque, Festa dos Imigrantes, Arraiá no Parque entre outras, além de contar com o passeio guiado. Quando o visitante desejar, há oportunidade de vestir as roupas “típicas do povo holandês”.

ANÁLISE GEOGRÁFICA DA PAISAGEM TURÍSTICA DO PARQUE HISTÓRICO DE CARAMBEÍ

A paisagem é de fundamental importância em um sistema cultural, pois conforme Duncan (2004) ela age como um texto que através de um sistema de criação de signos é transmitido, experienciado e explorado pelos sujeitos.

Nesta reflexão compreendemos que o processo de leitura da paisagem como texto é atrelado ao turismo, visto que as visitas ao museu propiciam condições para que a paisagem cultural seja experienciada, transmitida e explorada por esses visitantes que com isso, compreendem o contexto histórico e geográfico que é narrado pelos gestores do museu, enfatizando o período em que ocorreu o processo de imigração dos holandeses para o Brasil, tal qual possibilita um maior contato com a cultura desses imigrantes.

A cultura do imigrante holandês está estampada na paisagem do museu a céu aberto Parque Histórico de Carambeí sendo constituída e repleta destes diversos signos, símbolos e significados, provenientes de uma memória que estava contida no imaginário dos descendentes dos imigrantes que se fixaram na antiga colônia Carambeí e que nos permite articular a teoria de Duncan (2004) e a retórica da paisagem com os aspectos imagéticos observados neste museu. Destaca-se que Duncan (2004), estabelece que esta retórica da paisagem é dividida em três momentos – paisagem como ferramenta visual, análise da paisagem por meio de seus tropos e a narrativa vista por meio de repetições.

O ato de desvendar os significados da paisagem cultural nos permite obter a capacidade imaginativa ao ter contato com o mundo dos outros de forma consciente, e então re-presentar a paisagem ao desvendar seus significados e sentidos (Cosgrove, 1998). Com isso, a retórica da paisagem proposta por Duncan (2004) torna-se pertinente por permitir uma leitura da paisagem enquanto texto, viabilizando a compreensão do sistema cultural em que está inserida.

Em um primeiro momento, a paisagem funciona como uma ferramenta concreta visual e de gradual persuasão. Ao atrelar esse processo ao turismo, podemos entender que a paisagem do museu em si, foi construída para atrair visitantes como ferramenta visual de representação, pois a arquitetura das casas e da última ala (Parque das Águas) são constituídas de réplicas do parque ambiental holandês *Zaanse Schans* (localizado aos arredores da cidade *Zaandam*- Holanda). Embora a paisagem do museu Parque Histórico de Carambeí seja uma réplica deste parque holandês, no Brasil acaba sendo única, uma vez que não há

outra reprodução igual no país, podendo ser compreendida enquanto especificidade persuasiva relacionada a decisão de visitar o local.

O segundo momento da retórica da paisagem é sua análise por meio de seus tropos (Figura 3), que é dividida em alegoria, sinédoque e metonímia (Duncan, 2004). O último desses momentos é a estrutura decorrente da narrativa vista como um sistema de repetições. Esse sistema de repetições pode ser visualizado na própria arquitetura das casas do museu, que consiste basicamente na reprodução das construções antigas que faziam parte da colônia.

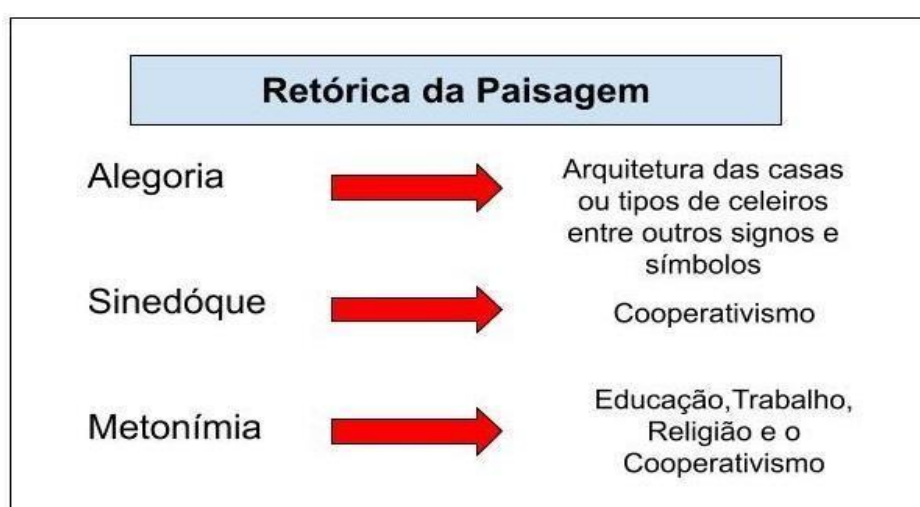


Figura 3 - Análise da paisagem a partir de seus tropos; Fonte: Duncan (2004) adaptado pelos autores.

A respeito da alegoria da paisagem, Duncan (2004) afirma que esta é constituída através de várias formas estabelecidas, como signos, símbolos e ícones contidos nas paisagens. Isso pode ser observado em relação a paisagem do museu dos imigrantes, onde se verifica que os descendentes de holandeses utilizam diversos monumentos, além do acervo propriamente dito a fim de exaltar a história da comunidade por ela contada, a partir do espaço estabelecido em Carambeí em 1911.

Esta linha reflexiva indica que o simbolismo da paisagem como trata Cosgrove (1998) é uma maneira de reproduzir normas culturais e valores de um grupo dominante. Com isso, entende-se que os grupos sociais como menciona Cosgrove (1998) conseguem perpetuar as suas marcas espaciais e se apoderam dos instrumentos narrativos da história (museus, livros, entre outros) para contar a vida sob o prisma de si mesmas, portanto, estão dotadas de moral, de suas relações sociais de poder no interior das comunidades,



bem como seu relacionamento com uma ordem divina. Os aspectos retratados por Cosgrove (1998) são fundamentais em virtude que o atual município de Carambeí não é constituído unicamente por imigrantes holandeses, mas que tem no espaço do museu uma paisagem que hegemoniza uma narrativa da produção social do espaço geográfico com fins de fundamentar singularidades geográficas a serem consumidas pelo “turismo cultural”.

Para a questão do domínio de uma cultura através de sua etnicidade, como é o caso dos imigrantes holandeses, Cosgrove (1998) assevera que a cultura está relacionada ao estudo do poder devido a imposição da experiência de mundo de um determinado grupo, as tomando como verídicas perante as demais pessoas. Esse poder pode ser identificado através da manifestação cultural, principalmente durante suposições culturais criadas geralmente no senso comum, e que podem também ser conhecidas como hegemonia cultural.

Isso indica outro momento da retórica da paisagem, a sinédoque, que segundo Duncan (2004, p.113) é o “emprego do todo pela parte e a parte pelo todo”. Para o autor, as sinédoques são responsáveis pela narrativa que surge na mente do observador que serve para entender o funcionamento da paisagem como meio de comunicação para descobrir suas sinédoques. Sendo assim, uma sinédoque no interior do museu pode ser associada ao processo de Cooperativismo, que foi uma importante forma de organização da sociedade de imigrantes holandeses em favor do desenvolvimento comercial pautado por uma ética comum, que pode ser vista do início ao fim do museu, cuja a história desses *pioneiros* (termo endógeno da representação), segundo eles, está também atrelada a esse processo.

Como último elemento de análise da retórica da paisagem há a Metonímia. A Metonímia é constituída por uma relação figurativa que se relaciona com a proximidade. Por isso, o autor cita alguns exemplos de metonímia como um componente da cadeia sintagmática de objetos, sendo utilizada para descrever o conceito que essa cadeia representa (Duncan, 2004).

A metonímia no caso do Parque Histórico de Carambeí, pode ser relacionada com os elementos conceituais que os próprios imigrantes holandeses tomaram como símbolos para contar a sua história, que é considerado por eles elementos base para a formação da colônia de Carambeí, como o Semeador - que representa a educação, o trabalho, a ação e a perseverança. O Peixe- símbolo da religião cristã, e o Cooperativismo - representado por dois pinheiros, o que significa a união humana para a fins comerciais



e éticos. Esses símbolos foram construídos em forma de monumentos que se encontram espalhados e fazem parte da paisagem do museu a ser contemplado pelos visitantes.

Através dos tropos como a alegoria, a metonímia e sinédoque, a paisagem das alas museais apresentam em seu interior a criação de um cenário singular, não somente pelo fato de terem sido construídos com a finalidade de conservar e constituir a memória dos imigrantes holandeses, mas também porque foram projetadas para o uso turístico, principalmente por contar com uma infraestrutura que atende as “necessidades de consumo” dos visitantes.

Isto leva a entender que o turismo se torna um importante elo para a disseminação da cultura do imigrante holandês e passa a auxiliar para que as pessoas que visitam o Parque compreendam a história, uma história que está imbuída de significados e símbolos que nos ajudam a compreender o conjunto de elementos presentes nesse espaço museal.

Mencionar museus culturais como o Parque Histórico de Carambeí, bem como o seu acervo e todo o conjunto de elementos que formam a paisagem do local e que por isso a torna única e original perante os demais museus no Brasil, significa narrar um passado através do presente, no tempo e no espaço. E auxilia na compreensão de como os imigrantes holandeses interpretam por meio da escrita da paisagem todo o processo de formação desta antiga colônia de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus são instituições que visam promover uma narrativa das memórias sociais selecionadas e materializadas em seus acervos, bem como comunicadas por suas paisagens. Nesse aspecto, o estudo das paisagens se revela enquanto importante ferramenta na compreensão das gêneses, bem como, os signos e significados presentes em suas construções. Em função disso, a escolha metodológica da categoria paisagem, tornou-se um relevante aspecto para análise do museu a céu aberto Parque Histórico de Carambeí, pelo fato de nos permitir uma leitura geográfica do funcionamento dos elementos que compõe a cultura do imigrante e que estão contidos no imaginário desses pioneiros, sendo não somente uma forma de atração turística, mas também de valorização da cultura da comunidade.

A partir de Duncan (2004) e Cosgrove (1998) foi realizada a interpretação das paisagens presentes no interior do museu a céu aberto do Parque Histórico de Carambeí. Através de diversos signos e símbolos



que estavam presentes no imaginário do imigrante holandês, pode-se compreender a auto narrativa histórica e da formação cultural dos colonos que fixaram residências em Carambeí.

A leitura dessas paisagens é repleta de simbolismos, mas que retratam o poder, e como este se relaciona à cultura que podem ser exaltadas através dessas construções e da mensagem comunicada por elas. Construções estas, que têm significados para os indivíduos que as edificaram e por isso são mobilizadas para atrair visitantes ao seu consumo da memória dos símbolos da ocupação espacial dos imigrantes holandeses no atual município de Carambeí-PR.

O turismo nesse contexto, torna-se um importante veículo de transmissão cultural, além de seus benefícios econômicos e sociais que a atividade em si pode proporcionar aos visitantes do museu e a comunidade local, como também proporciona o entendimento a respeito dos significados sociais e culturais dos lugares fabricados, assim como no caso do Parque Histórico de Carambeí.

A paisagem do museu aparece como relevante instrumento de motivação para a realização de viagens, devido a sua originalidade, proporcionando diversas experiências, sendo assim um diferencial na região dos Campos Gerais, além de contar com uma infraestrutura que atende as *necessidades turísticas* dos potenciais visitantes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável por financiar e incentivar esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

A Rede. (2020). *Série sobre imigração holandesa é gravada no Paraná*. Disponível em: Recuperado em: 02 mai. 2020, de <https://d.aredo.info/mix/300713/serie-sobre-imigracao-holandesa-e-gravada-no-parana>.

Associação Parque Histórico de Carambeí. (2015). *Manual do monitor*. Carambeí, PR: APHC.

Associação Parque Histórico de Carambeí. (2020). *Site institucional*. Recuperado em: 10 mai. 2020, de <https://www.aphc.com.br/>.

- Carvalho, K. D. (2010). Lugar de memória e turismo cultural: apontamentos teóricos para o planejamento urbano sustentável. *Cultur - Revista de Cultura e Turismo*, Santa Cruz/SC, 01, 05-31. Recuperado em: 26 abr. 2020, de <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/253>.
- Corrêa, R. L. (2011). Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, 29, 07-21. Recuperado em: 24 jun. 2019, de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528/2454>.
- Cosgrove, D. A. (1998). Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: Corrêa, R. L.; & Rosendhal, Z. (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 92-123.
- Duncan, J. S. (2004). Paisagem como sistema de criação de signos. In: Corrêa, R. L.; & Rosendhal, Z. (orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro, RJ: UERJ, p. 91-132.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Mitchell, D. (2000). *Cultural geography: a critical introduction*. London, ENG: Blackwell.
- McDowell, L. (1996). A transformação da geografia cultural. In: Gregory, D.; Martin, R.; & Smith, G. (orgs.). *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, p.159–188.
- Núcleo de Mídia e Conhecimento. (2016). *Parque Histórico de Carambeí: catálogo*. Curitiba, PR: Farol dos Reis.
- Oliveira, M. A. S. A. de. (2018). Memória e identidade em processos de turistificação de lugares: o caso do Cais do Valongo (RJ - Brasil). *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, 14(02), 49-74. Recuperado em: 22 abr. 2020 de <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/874>.
- Sarmiento, J. C. V. (2004). *Representação, imaginação e espaço virtual: geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos Açores*. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Souza, G. M. de. (2016). Museus, espaços de memórias e coleções: diálogos e interfaces. *Revista Confluências Culturais*, Joinville/SC, 5(02), 151-162. Recuperado em: 26 abr. 2020, de <http://periodicos.univille.br/index.php/RCCult/article/view/307/285>.
- Warnier, J. P. (2000). *A mundialização da Cultura*. Bauru, SP: EDUSC.

INFORMAÇÕES DOS AUTORES (AS)

ⁱ Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em Gestão do Território pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

ⁱⁱ Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestre em Gestão do Território pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e acadêmica de Licenciatura em Geografia (Universidade Pitágoras - UNOPAR).

ⁱⁱⁱ Professor Adjunto na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Gestão do Território pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).